

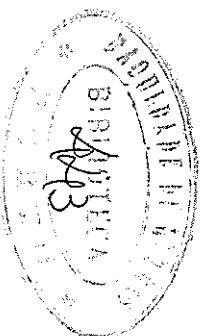
# GUIA DO ESTUDANTE



FACULDADE DE LETRAS  
da  
Universidade do Porto

# GUIA DO ESTUDANTE

X



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1989 / 90

278(05)  
Gulp.

Guia do Estudante da FLUP - LLM : 3º Ano

Porto: Conselho Directivo da FLUP.

Vol. 10, 1989-1990

Publicação anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 200



Maquete das futuras instalações da Faculdade de Letras  
(em construção)



## INTRODUÇÃO

No presente ano lectivo de 1989-1990 edita-se pela 10ª vez consecutiva o Guia do Estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Importa assinalar a data, não só porque ela traduz o empenho que os sucessivos Conselhos Directivos puseram na elaboração e edição deste importante instrumento de informação pedagógica, mas também porque, pela primeira vez, o texto do Guia do Estudante surge totalmente informatizado, mercê de um trabalho levado a cabo pelo Conselho Directivo ao longo de 1989. Ficam, deste modo, criadas condições para que, no futuro, a sua actualização se processe de forma cada vez mais eficaz e económica, facilitando ao mesmo tempo a sua difusão junto dos alunos antes do início das aulas.

O Guia do Estudante deve constituir, fundamentalmente, um apoio à orientação do trabalho dos estudantes; mas, na medida em que é já parte da história recente da Faculdade de Letras do Porto, não pode deixar de se registar nele o significado especial de que se reveste o momento presente da vida desta escola. De facto, em Dezembro de 1988 teve início a construção do novo edifício da FLUP, na Área de Expansão do Pólo 3 da Universidade. No dia 16 de Junho de 1989 realizou-se a cerimónia oficial de lançamento da sua primeira pedra, que fica implantada no centro do bloco destinado à Biblioteca Central, simbolizando, assim, tudo quanto o livro e o documento representam para uma escola das ciências humanas, da filosofia e das línguas. Desta maneira se coroa um longo processo de trabalhos preparatórios efectuados pacientemente desde 1980.

Nas também em 1989 a Faculdade de Letras passou a ocupar um lugar cimeiro no quadro das instituições universitárias portuguesas, ao tornar-se a primeira Faculdade da Universidade do Porto a dispor de uma ligação à rede "porbase", o que lhe permite trabalhar em linha com a Biblioteca Nacional de Lisboa, tanto para pesquisa por parte dos utentes, como para carregamento de dados pelos serviços competentes da Biblioteca Central.

Finalmente, 1988-89 fica também assinalado como o ano lectivo em que se aprovaram os Estatutos da Universidade do Porto e se elaboraram os desta sua Faculdade de Letras, por forma a que pudessem vir a ser aprovados pela assembleia competente, o que se espera aconteça antes do fim de Dezembro. Com eles poderá, com certeza, a escola exercer de maneira mais adequada a autonomia possível no quadro das instituições universitárias.

\*\*\*\*\*

O Guia do Estudante pretende ser fundamentalmente um instrumento útil a aos estudantes da Faculdade, pelo que as informações de natureza académica e social devem ser procuradas no folheto Instruções Úteis aos Alunos que a Reitoria da Universidade do Porto distribui gratuitamente no início do ano lectivo.

\*\*\*\*\*

No quadro da Lei de Autonomia das Universidades e dos Estatutos elaborados pela Universidade do Porto, e de acordo também com a Lei Orgânica desta, e com o projecto dos seus próprios Estatutos, a Faculdade de Letras passa a estruturar-se do seguinte modo:

Assembleia de Representantes  
Conselho Directivo  
Conselho Científico  
Conselho Pedagógico  
Conselho Administrativo.

\*\*\*\*\*

#### SERVIÇOS DA FACULDADE

##### A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições  
" de Equivalências

de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:  
de 2ª a 6ª feira: 12H00 - 16H00

Encerra ao Sábado.

##### B - Tesouraria

Serviço de pagamento das cartas de curso  
"de venda de selos fiscais.

Horário de atendimento:

de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30  
14H30 - 16H30

Encerra ao Sábado.



## C Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

### 1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado); na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

### 2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos).

### Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

1. Digite: GEAC.
2. Carregue tecla ENTER.
3. Digite: CAT.
4. Siga as instruções que aparecem no écran.
5. Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "preferência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 18H00

Sábado: 9H00 - 11H30.

5. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

6. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico - Referente às obras entradas em cada semestre (publicado desde 1979)

Anexos do Boletim:

I - Teses existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

II - Publicações dos Docentes da Faculdade, existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

Boletim de Sumários, respeitante aos índices das publicações periódicas recebidas (iniciado em 1988)

"Reservados" da Biblioteca Central, Porto, 1989.

\*\*\*\*\*

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses  
" de Estudos Norte Americanos  
" de Estudos Germanísticos  
" de Geografia  
" de Cultura Portuguesa  
" de Arqueologia  
" de Documentação Histórica Medieval  
" de Filosofia e História da Filosofia  
" de História de Arte  
" de Língua Portuguesa  
" de Literatura Comparada  
" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa  
" de Sociologia  
Sala Francesa  
" Brasileira  
" Espanhola  
" Neerlandesa

" de História Moderna  
" de História Medieval  
Centro de História  
" de Linguística  
" de Estudos Semióticos e Literários.  
Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).  
Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

\*\*\*\*\*

#### C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

Sábados: 9H00 - 12H30.

\*\*\*\*\*

#### BAR

Presentemente, o serviço de cafetaria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

Encerra ao Sábado, normalmente.

\*\*\*\*\*

#### PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada a viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desimpedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2ª a 6ª feira 7H30 23H00

Sábados 7H30 13H00.

\*\*\*\*\*

#### ATIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

Currículos em vigor em 1989/90:

1ª, 2ª e 3ª anos - Port. nº 850/87

4ª ano - Dec. nº 53/78

4ª ano de Sociologia: Port. nº 352-C/85

4ª ano de Est. Portugueses (LLM): Dec. do Gov. nº 75/84.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º ano).

b) Tradução (Port/Ingl; Port/Franc; Port/Alem) - Portaria nº 850/87 (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação (em funcionamento):

a) Mestrados: em História Medieval

História Moderna

Filosofia Social e Política

Arqueologia (proposto)

Educação (proposto)

Arquivos (edição de novo Curso em 1989/90)

c) Curso de Conservador de Museu (proposto).

D - Curso de Português para Estrangeiros (em Julho).

\*\*\*\*\*

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

## 1. RAMO EDUCACIONAL:

### Regime transitório:

#### 1º ano:

- a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;
- b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;
- c) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação e Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa e Metodologia do Inglês.

#### 2º ano:

- a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;
- b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);
- c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

### Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de:  
"Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,

"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e Filosofia.

2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos das (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port./Ingl - Trad. Port./Ingl.

" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.

" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl ou Port./Franc.

" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) obrigatoriedade de frequência mínima às aulas:

2/3 das aulas teóricas

50% das aulas práticas;

c) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3º ano (Port. 850/87):

a) Possibilidades:

Português- Inglês

Português- Alemão

Português- Francês.

Nota: O Conselho Científico manifestou-se a favor da abertura do Curso de Tradução nas restantes combinatórias de LLM (Inglês/Alemão; Inglês/Francês; Francês/Alemão), aguardando-se a necessária aprovação superior.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

\*\*\*\*\*

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:  
Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)  
Matrículas e/ou inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)  
Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)  
Permutas: só no ingresso ela 1ª vez no Ensino Superior.
3. Mudança de variante em LLM: os pedidos só podem ser considerados depois de os alunos terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram; esta disposição aplica-se aos casos de retoma de estudos e de transferência de outras Faculdades congêneres, caso se traduzam, na prática, em mudança de variante; excluem-se os casos de alterações curriculares resultantes de situações contempladas na lei, como sejam as equivalentências de planos de estudo.
4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

\*\*\*\*\*

## NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 7.6.89)

No desempenho das funções que lhe competem pelo Artº 21º do Decreto Lei nº 781 A/76, de 28 de Outubro, e de acordo com as normas gerais respeitantes ao exame final definidas pela Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro, o Conselho Pedagógico aprovou em 7/6/89 as Normas de avaliação de conhecimentos para o ano lectivo de 1989-90.

As normas agora propostas introduzem não só modificações em alguns artigos (cf. os novos artigos 1º, 2º, 3º, 5º, 10º, 11º, 12º, 13º, 15º, 16º, 20º e 22º), como também algumas recomendações apresentadas sob a forma de Observações Finais às avaliações contínua e periódica. Suprimem os antigos artigos 29º e 33º e dispõem de forma mais clara esclarecimentos sobre melhoria de nota e épocas de exames de recurso e especial que se encontravam dispersos ou omissos (cf. Esclarecimentos sobre a avaliação final). Chama-se a atenção para as alterações significativas introduzidas pela nova redacção dos artigos 1º e 11º.

Relativamente a alterações de fundo que alguns membros do Conselho Pedagógico gostariam de ter visto aprovadas, optou-se pela divulgação à escola em documento próprio, para que sirvam de ponto de partida para uma reflexão mais geral sobre a matéria pedagógica. Para a actual redacção das Normas de avaliação foram ouvidas comissões pedagógicas dos cursos e em certos casos atendeu-se a sugestões que vários docentes resolveram por bem dirigir ao Conselho Pedagógico no princípio do ano lectivo de 1988/89.

Subjacente à elaboração das presentes Normas de avaliação esteve o desejo por parte dos membros do Conselho Pedagógico de incrementar a avaliação periódica e contínua, de consagrar a importância dos trabalhos individuais e de grupo e de acentuar a importância do contacto directo e pessoal entre professor e aluno.

### CAPITULO I - DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº 1º - Modalidades de avaliação. Admitem-se três modalidades de avaliação:

- I - Avaliação contínua.
- II - Avaliação periódica.
- III - Avaliação final.

§ Único - Poderá existir uma combinação da avaliação contínua com qualquer outra forma de avaliação nos termos do nº 3 do Artº 11º das presentes Normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação.

No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá



CORRIGENDA

- p x i 10. deve ler-se: "artigos 29° a 33°"  
p xi Art° 1° . n° 4, deve ler-se: "um trabalho de investigação um  
trabalho escrito"  
p xii Art° 11° . n° 3, deve ler-se: "simultaneamente"  
p xiii Art° 13° . n° 1, deve ler-se: "da disciplina"  
p xiii Art° 13° . n° 2, deve ler-se: "seja comunicada. . até à"  
p xiv Art° 18° , n° 3, deve ler-se: "8 valores"  
p xiv Art° 20° , n° 2, deve ler-se: "deverá"

o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com a turma acerca dos seus diferentes aspectos, com explicitação dos objectivos pedagógico-didáticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1º - Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina.

§ 2º - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Artº 3º - Trabalhos de investigação.

Deve ser promovida a realização de trabalhos de investigação, individuais ou em grupo, a apresentar e discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto a elaboração dos trabalhos em todos os trâmites.

Em função da participação individual, os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho poderão ter uma nota diferenciada, o que deve desde o início ser tomado claro pelo docente.

§ 1º Os alunos poderão ter acesso aos trabalhos elaborados pelos colegas desde que os autores desses trabalhos o autorizem e o docente recomende a sua divulgação.

§ 2º - Os docentes deverão proceder à publicitação da classificação dos trabalhos de investigação.

§ 3º - Desde que o trabalho de investigação seja considerado idóneo, ele deverá ser valorizado em pelo menos 1/3 da nota final; ou em 50% no caso de o trabalho substituir um dos dois elementos da avaliação periódica.

§ 4º - Considera-se um trabalho de investigação escrito em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeam a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docentes e alunos.

Artº 4º - Reprovação em avaliação contínua e periódica.

Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro), nas condições fixadas por lei.

Artº 5º - Consulta da testes.

1 - Os alunos têm o direito de consultar os seus testes. No caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de serem informados acerca da nota que obtiveram na prova escrita correspondente.

2 - Sendo possível provar a existência de qualquer irregularidade processual na classificação das provas, os alunos poderão dirigir uma reclamação ao Conselho Pedagógico, que tomará as providências necessárias nosentido de resolver a situação.

Artº 6º - Provas orais.

As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em

salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dos docentes ligados à área da disciplina.

Artº 7º - Notas quantitativas.

Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).

Artº 8º - Arredondamento de notas.

As classificações a afixar, quando impliquem direito a uma prova oral ou dispensa de prova final, deverão ser arredondadas (ex.: 9,5=10 e 7,5=8).

Artº 9º - Afixação das datas das provas.

As datas das provas de avaliação periódica e final deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias.

## CAPITULO II - DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

### A - AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 10º - Tipo de provas.

O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de prova, tais como trabalhos de investigação (individuais ou em grupo), relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais. Uma das provas terá de ser um teste em presença, realizado na própria aula.

§ único - Os alunos deverão ser informados de todos os elementos de avaliação, incluindo as provas orais e a participação oral nas aulas, assim como dos métodos de ponderação adoptados.

Artº 11º - Número de alunos por turma.

1 - A avaliação contínua poderá ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

2 - De modo a possibilitar a realização de avaliação contínua, as disciplinas poderão ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1 teórica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

3 - Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina poderá funcionar em simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica da disciplina, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, deverá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Art.º 12º - Obrigatoriedade de presenças.

A avaliação contínua obriga à presença do aluno em 3/4 das aulas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de

presença, sob a responsabilidade do docente.

§ Único - Na situação descrita nos números 2 e 3 do Artº 11º. os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Art. 13º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento a disciplina.

2 - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, com possibilidade ainda de escolha de outras modalidades de avaliação, desde que essa desistência seja comunicada ao docente até à realização da primeira prova de avaliação periódica.

Artº 14º - Avaliação em seminários.

Nas disciplinas que funcionem em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

Observação final - As disciplinas ou turmas que funcionem no regime de avaliação contínua deverão, sempre que possível, não interromper as aulas nos períodos de avaliação periódica.

## B - AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 15º - Tipo de provas.

O número de provas a realizar será no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente em presença do docente e podendo ser a outra um trabalho realizado fora-da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.

Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deverá ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como a ponderação da avaliação respectiva.

Quaisquer outras provas - orais ou escritas - que venham a ser realizadas no âmbito da cada disciplina serão facultativas.

§ 1º - A matéria versada nas provas será a que tiver sido leccionada até 8 dias antes da sua realização.

§ 2º - Sempre que as classificações das provas que excedam o número de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas com as restantes.

Artº 16º - Calendário das provas.

O calendário das provas será oportunamente elaborado pelos Serviços Administrativos da Faculdade em colaboração com o Conselho Pedagógico, o Conselho Directivo e com a Associação de Estudantes. A sua elaboração deve obedecer aos critérios descritos na Observação final à Parte B do Cap. II.

Artº 17º - Repescagem.

Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal. Entre a afixação dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediar um intervalo mínimo de dois dias úteis (o sábado não deve ser considerado dia útil).

Arte 18ª - As condições referidas no artigo anterior são as seguintes:

1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriamente positiva.

2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas ou a ela tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova.

3 - Ficam dispensados da prova de repescagem, embora possam realizá-la, os alunos que tenham obtido numa das provas nota de 8 ou 9 valores, desde que a média das notas das provas seja positiva. Esta dispensa não se aplica caso a média seja negativa, sendo então necessária repescagem relativa à prova em que o aluno tenha obtido 8 valores, para efeitos de aprovação em avaliação periódica.

4 - A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui, não se seguindo o critério usado no exame destinado a melhorar a nota. Para que os alunos se considerem aprovados, a média final terá de ser positiva eem nenhuma das provas a nota poderá ser igual ou inferior a sete valores.

Arte 19ª - Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota, não podendo por conseguinte substituir uma prova classificada com nota positiva.

Arte 20ª - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição do aluno na avaliação periódica far-se-á pela sua presença na primeira prova de avaliação, ou por declaração escrita entregue ao professor até à realização dessa mesma prova.

2 - É permitida ao aluno a desistência da avaliação periódica. Essa desistência deverá ser comunicada por escrito ao professor até à data da segunda prova de avaliação periódica.

Arte 21ª - Tipos de provas em línguas vivas.

No caso das línguas vivas, sem prejuízo do disposto nos artigos 16ª, 17ª e 18ª na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem as orais e obrigam a uma média mínima de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

§ 1º - Cabe aos leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas após a afixação dos resultados das provas escritas.

§ 2º - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas.

§ 3º - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem.

OBSERVAÇÃO FINAL - Critérios para a elaboração do calendário de exames.

1 - Na elaboração do calendário das provas de avaliação periódica deverá ser respeitada, na medida do possível, a distância mínima de 48 horas entre as provas de disciplinas obrigatórias do mesmo ano.

2 - Deverão ser reservados os últimos dias do bloco de avaliação para as provas das disciplinas de opção (tendo em conta o número de disciplinas e a especificidade de cada curso).

3 - Sempre que haja acordo prévio entre docentes e alunos, as provas de avaliação periódica poderão ser realizadas durante o período de aulas, sem prejuízo do normal funcionamento destas.

4 - Dadas as dificuldades na elaboração do calendário de provas nos cursos com múltiplas variantes, deverá ser previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo será de 48 horas depois de afixado o calendário das provas; as reclamações deverão ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico, que poderá delegar num ou mais membros do Conselho o poder de resolução destas situações.

#### C - AVALIAÇÃO FINAL

##### Art.º 22.º - Tipo de provas.

O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta. A prova oral deve realizar-se de acordo com a estipulado no Art.º 6.º.

§ único - Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final (nas épocas normal ou de recurso), esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo, previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

##### Art.º 23.º - Admissão à prova oral.

A nota mínima de admissão à prova oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Art.º 8.º.

##### Art.º 24.º - Dispensa da prova oral.

Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretariã no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.

Art.º 25.º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não admissão previsto no Art.º 23.º.

Art.º 26.º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições do número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.

##### Art.º 27.º - Ponderação da nota da prova oral.

Sempre que se realize uma prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

## ESCLARECIMENTOS SOBRE A AVALIAÇÃO FINAL

### A - MELHORIA DE NOTA

- 1 - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar têm de se inscrever aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministrar(em) os referidos programas.
- 2 - Os alunos só poderão requerer melhoria de nota na época de recurso (Setembro) do mesmo ano em que tenham obtido aprovação na disciplina ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.
- 3 - Os alunos poderão requerer melhoria de nota relativamente a qualquer disciplina, não devendo ser tida em conta a restrição numérica prevista nestas Observações finais (cf. Ponto B destes Esclarecimentos).
- 4 - No caso de um aluno se submeter a exame para efeitos de melhoria de nota, prevalecerá a classificação mais elevada.

### B - ÉPOCAS DE RECURSO (SETEMBRO) E ESPECIAL (DEZEMBRO)

- 1 - Na ausência do despacho especial do Reitor da Universidade, o número de exames que os alunos poderão realizar nas épocas de recurso e especial será o seguinte (cf. o Artº 9º da Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da F.L.U.P. de 28.5.84):
  - a) Época de recurso: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.
  - b) Época especial: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.
- 2 - Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparecido ou, tendo comparecido, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado (até ao número máximo referido no Ponto 1), desde que, com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção do grau ou diploma.
- 3 - Na época normal de exames finais (Julho) realizam-se duas chamadas para cada disciplina; nas épocas de recurso e especial realiza-se apenas uma.

\*\*\*\*\*

(Nota: O ponto de vista enunciado no Artº 16º das Normas de avaliação transcritas traduz unicamente a opinião do C. P.).

\*\*\*\*\*

Calendário das provas em 1989-1990  
(Emanado do Conselho Pedagógico)

Cursos de Licenciatura:

- Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990  
" - Segundas provas: de 11 a 27 de Junho de 1990  
Exame final - Época normal: de 2 a 18 de Julho de 1990 (provas escritas)  
" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990 (provas escritas).

Ramo educacional:

- Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990  
" - Segundas provas: 21 de Maio a 2 de Junho de 1990  
Exame final - Época normal: 11 de Junho a 7 de Julho (orais inclusive)  
" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990 (provas escritas)

\*\*\*\*\*



Publicações mais recentes da Faculdade de Letras:

Revista de Faculdade de Letras (dir. do Conselho Científico):

Séries de História, 1984/85/86/87/88

Filosofia, 1985 (2 números)/86/87

Línguas e Literaturas, 1984/85/86/87/88 (2 tomos)

Anexos desta série:

1 - Problemáticas em História Cultural, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987

11 - Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal - 1501-1700, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988

111 - Actas do 1.º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (6-7 de Outubro de 1988), Porto, Instituto de Estudos Germanísticos (no prelo)

Geografia, 1985/86/87

publicou as Actas do Colóquio sobre "O Porto na Época Moderna"

Portugalia (Instituto de Arqueologia), 1980 ss. (Em 1985/84, publicou as Actas do "Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste")

Runa (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, 2 vols., Porto, Centro de História, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor, Porto, Instituto de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation, Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française/ Secção de Sociologia da FLUP, 1988

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, 1989

\*\*\*\*\*

Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1989-1990. Mas para se ter uma ideia aproximada da dimensão da escola, no plano pedagógico, basta notar que os programas desenvolvidos nos cinco cursos de licenciatura e nos cursos do ramo educacional e de tradução se situam na ordem das duas centenas, para 1989-90.

\*\*\*\*\*

Convém esclarecer que, não se aplicando ao ensino universitário o conceito de "livro obrigatório", as indicações constantes de algumas bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1989

O Conselho Directivo



# *PROGRAMAS*

Nota: Em virtude de o tratamento inicial dos programas haver sido feito na versão 4.2 do processador "Word Perfect" e de, para efeito de tiragem em impressora "laser", ter sido necessário convertê-los para a versão 5.0, encontram-se algumas anomalias na apresentação dos textos, de que se pedem desculpas.



Docentes: Prof. Doutor Mário Vilela  
 Dr. Simão Cardoso  
 Dr.ª Fernanda Peixoto

0. Sintaxe e Semântica no quadro geral da "Gramática".

- 0.1. As unidades da "(língua" e as unidades gramaticais.
- 0.2. Acto comunicativo, texto e frase.
- 0.3. Tipos de frase e formas de frase. Frases simples e frases complexas.
  - 0.4. A frase e os seus constituintes.
1. A frase considerada como "predicação": gramática de dependências/valências.
  - 1.1. "Valência" lógica, valência semântica e valência sintáctica.
    - 1.1.1. Valência e significado.
    - 1.1.2. Argumentos, casos semânticos e actantes.
  2. Valência lógica: estrutura lógica do predicado (= número de actantes/argumentos do predicado).
    3. Valência semântica.
      - 3.1. Os traços inerentes do predicado (= semas).
      - 3.2. A selecção dos argumentos interpretada como consequência do significado do predicado: classes, "restrições de selecção", solidariedade lexicais, pressuposição lexical.
      - 3.3. "Casos semânticos" como reflexo do significado do predicado.
        - 3.3.1. Modelos de "casos semânticos".
        - 3.3.2. Semântica frásica e conteúdos frásicos.
        - 3.3.3. Classificação dos verbos de acordo com a sua "significação geral".
          4. Valência sintáctica.
            - 4.1. Actantes e circunstantes ou complementos de verbos e complementos de frase. Actantes obrigatórios e actantes facultativos.
            - 4.2. Tipos de actantes e estrutura interna dos actantes.
            - 4.3. Estruturas frásicas nucleares ou combinações possíveis dos actantes.
            - 4.4. Ampliação/ redução de valência / causatividade / neutralidade.
              - 4.4.1. Verbos causativos. Usos "causat" e usos "neutros".
              - 4.4.2. Alterações e valência.
              - 4.5. Verbos auxiliares.
              - 4.5.1. Morfemas dos "tempos compostos".
              - 4.5.2. Verbos copulativos.
              - 4.5.3. Verbos "suporte", "verbos operadores" e "pro-verbos".
              - 4.5.4. Verbos modais e verbos aspectuais.

- 4.6. Estudo de algumas classes de verbos.
  - 4.6.1. Verbos de movimento, posse, interiorização, percepção, etc.
  - 4.6.2. Verbos "factivos", "implicativos", etc.
  5. Circunstantes.
    - 5.1. Tentativa de classificação de complemento de frase (= circunstantes).
    - 5.2. Complementos modificadores.
    - 5.3. Complementos situativos.
    - 5.4. Complementos negativos.
    - 5.5. Complementos apreciativos.
- BIBLIOGRAFIA

#### 1. Gramáticas:

- BARBOSA, J. Soares - Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou Principios da Grammatica Geral Applicados a Nossa Linguagem, Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1822
- BUSSE, W.; VILELA, Mário - Gramática de Valenciã. Apresentação e esboço de applicação à lingua portuguesa, Coimbra, Alameda, 1986
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. d8.00.e Lindley - Nova Gramática do Português Contemporâneo, Lisboa, 1984
- MATEUS, M<sup>a</sup> Helena Mira et alii - Gramática da Língua Portuguesa, Coimbra, Alameda, 1983
- PERES, J. Andrade - Elementos para uma Gramática Nova, Coimbra, 1984

#### 2. Dicionários:

- FERNANDES, Francisco - Dicionário de Verbos e Regimes, 33<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Edit. Globo, 1983
- FERRERIA, Aurélio Buarque Hollanda- Novo Dicionário Aurélio, Rio de Janeiro, Ed. Nova fronteira, 1977
- LUFT, Celso P. - Dicionário Prático de Regência Verbal, S. Paulo, Ed. Atica, 1987

#### 3. Geral

- ALLERTON, D. J. - Valency and the English Ver, Londres, 1982
- ALMEIDA, Raul F. Ribeiro de - Verbos de Percepção Visual: contributo para a sua análise sintáctica e semântica, Porto, 1986 (mimeog.)
- BUSCHA, J. - Deutsche Grammatik, Leipzig, 1984
- CANO AULLAR, R. - Estructuras sintácticas Transitivas en el Español actual, Madrid, Gredos, 1981
- CAROSO, Simão Cerveira - A Gramática Filosófica de J. Soares Barbosa: reflexos da Gramática geral, Porto, 1986 (mimeog.)
- CARVALHO, J. G. Herculano de - Ficar em casa/Ficar páliido, in Herculano de Carvalho e J. Schmidt Raderfeldt (edits) - "Estudos de Linguística Portuguesa", Coimbra, Coimbra Editora, 1984, 131-

- COOK, W. L. - Case Grammar, Development of the Matrix Model (1970-1978), Washington D. C., 1979
- DIETRICH, W. - As perífrases verbais de "modalidade" em português, in J. G. Herculano de Carvalho e J. Schmidt Radefeldt (eds)
- "- "Estudos de Linguística Portuguesa", Coimbra, Coimbra Editora, 1984, 59-91
- DIK, S. D. - Functional Grammar, Amesterdão, 1978 (trad. Gramática Funcional, Madrid, 1981)
- FILLMORE, Ch. - Some problems for case grammar, in O'Brien (ed.) - "Linguistics: Development of the sistiesviewpoints for the seventies", Washington, D.C. 1971: 35-56, (Tb. (trad.) in "Langages", 38, 1975, 65-80)
- "- The case for case reopened, in COLE, P./SADOCK (eds) - "Syntax an Semantics 8: Grammatical Relations", N.Y., Academic Press, 1977, 59-82
- FONSECA, Joaquim - Verbos Simétricos, in "Boletim de Filosofia", XXIX, 1984, 383-403
- "- Coesão em Português. Semântica-Pragmática-Sintaxe, Porto, 1981 (mimeog.)
- HALLMIDAY, M. A. K. - An Introduction to Functional Grammar, Londres, Edward Arnold, 1975
- HAPP, H. - Quelques résultats et problèmes de la recherche valencielle sur le verbe français, in Linguisticae Investigationes, 1977, 411-434
- "- Théorie de la valence et enseignement du français, in "Le Français Moderne", 46, 1978, 97-134
- HELBIG, G. - Valenz-Satzglieder-semantische Kasus-Satzmodelle, Leipzig, 1975
- HERWANZ, M. LL; BRUCART, J. M. - Principios teóricos: La oración simple, Barcelona, Editorial Critica, 1987
- JACKENDOFF, R. - Semantics and Cognition, Cambridge, The MIT Press, 1985
- LOBATO, Lúcia Maria - Os verbos auxiliares em Português: critérios de auxiliaridade, in "Análises Lingüísticas", Petrópolis, R. J., 1975, 27-91
- LOBATO, L. M. Pinheiro (edit.) - A Semântica na Linguística Moderna: O Léxico, Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves (contém artigos de: B. Pottier, J. J. Katz, M. Bierwisch, U. Weinreich, Ch. J. Fillmore)
- LYONS, J. - Semantics, I, II, Cambridge Univ. Press, 1977 (trad. Semântica - I, Lisboa, Ed. Presença, 1980)
- PONTE, E. - Os verbos auxiliares em Português, R. J. S. Paulo, 1973
- VILELA, Mário - Estruturas Léxicas do Português, Coimbra,



Almeida, 1979

"- A antonímia como relação semântica lexical, in "Biblos", LVIII, 1982, 45-74

"- As categorias do complemento indirecto, in: Actes du XVIIème Congrès Inter. de Ling. et Philologie Romanes, 4, 1986, 141-151

"- Contribuições para o estudo das solidariedades lexicais, in "Boletim de Filologia", XXIX, 1984

"- Classificação dos verbos: propositos e resaltados, in "Arquivos do Centro Cultural Português", Paris/Lisboa, XXI, 71-99

Docentes: Prof. Doutor Jorge Osório  
 Dr. Luís Fardilha  
 Dr.ª Maria Luísa Malato

Narrativa em prosa nos séculos XVI e XVII

A - Narrativa longa:

1. Discurso em prosa e narrativa; permanências medievais e inovações renascentistas.

1.1. A narrativa cavaleiresca em prosa.

1.2. A novela sentimental.

1.3. A novela pastoril.

1.4. O romance cortês.

2. João de Barros - Crónica do Imperador Clarimundo.

2.1. A "história fingida".

2.2. Destinatários e leitores.

2.3. Aspectos da actualização do género.

3. Bernardim Ribeiro - Menina e Moca.

3.1. A problemática textual.

3.2. Da narrativa cavaleiresca à ficção da novela sentimental e cortês.

3.3. Ficção e "livros de pastores".

4. Literatura de viagens e prosa de actualidade; discurso historiográfico e relato do acontecido.

5. Fernão Mendes Pinto - Peregrinação.

5.1. Destinatários e leitores.

5.2. Autobiografia e relato de aventuras.

5.3. Sobre o "exotismo": doutrina e discurso literário.

B - Narrativa breve:

1. Permanências do exemplum no séc. XVI-XVII.

2. Pe. Manuel Bernardes - Luz e Calor.

2.1. Espiritualidade e narrativa.

2.2. Estratégia do conto breve na retórica da pregação.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

I - Textos

BARROS, João de - Crónica do Imperador Clarimundo, ed. Marques Braga, 3 vols., Lisboa, Sá da Costa, 1953

RIBEIRO, Bernardim - História de Menina e Moca, ed. D. E. Grokenberger, Lisboa, Liv. Studium, 1947

RIBEIRO, Bernardim - Saudades ou Menina e Moca, ed. José Herculano de Carvalho, 3ª ed., Coimbra, Atlântida, 1973

- RIBEIRO, Bernardim - Menina e Moça, ed. Teresa Amado, Lisboa, Comunicação, 1984
- RIBEIRO, Bernardim - Obras Completas, ed. Marques Braga, 2 vols., Lisboa, Sá da Costa, 1949-1950
- PINTO, Fernão Mendes - Peregrinação, ed. Antbal Pinto de Castro, Porto, Lello & Irmão, 1984
- PINTO, Fernão Mendes - Peregrinação e outras obras, ed. António José Saraiva, 4 vols., Lisboa, Sá da Costa, I e II vols, 2ª ed., 1981, III vol. 1ª ed., 1974, IV vol., 1ª ed. 1984
- PINTO, Fernão Mendes - Peregrinação, ed. Adolfo Casais Monteiro, Lisboa, IN/CM, 1983
- RAMUZIO, Giovanni Battista - Navigazioni e viaggi, a cura di Marica Milanest, 6 vols., Turim, 1978 ss.
- BERNARDES, Pe. Manuel - Luz e Calor, Porto, Lello & Irmão, s/d
- BERNARDES, Pe. Manuel - Imagens da obra do Pe. Manuel Bernardes, ed. Maria Lucília G. Pires, Lisboa, Comunicação, 1978
- II - Estudos
- PICFORD, Cedric Edward - L'évolution du roman arthurien en prose vers la fin du Moyen Age d'après le manuscrit 112 du Fonds Français de la Bibliothèque Nationale, Paris, 1960
- THOMAS, Henry - Las novelas de caballerías españolas y portuguesas, Madrid, 1952
- Historia y Crítica de la Literatura Española, dir. Francisco Rico, vol. 2, Barcelona, 1980:
- ESTRADA, F. López - Introducción, p. 271;
- CURTO HERRERO, F. Francisco - Los libros de caballerías en el siglo XVI, p. 286;
- PICCHIO, Luciana Stegagno; BLECUA, Alberto - Norma y desvío en la ficción caballerescas: el "Palmeirín" y el "Baldo", p. 291;
- WARDROPPER, Bruce; GOYTOSOLD, Juan - Teoría y sentido de un género: la "Historia Etíopica" y los libros de aventuras peregrinas, p. 318;
- CHEVALIER, Maxime - Entre folklore y literatura: el cuento tradicional y la novela corta, p. 353
- CHEVALIER, Maxime - Lectura y lectores en la España del Siglo XVI y XVII, Madrid, 1976
- CHARIER, Roger - Les pratiques de l'écrit, in "Histoire de la vie privée", vol. III, Paris, p. 113
- LUIS VARELA, Juan - Revisión de la novela sentimental, "Revista de Filología Española", XLVIII, 1965, p. 351
- WARDROPPER, Bruce - El mundo sentimental de la "Cárcel de amor", Ibidem, XXXVII, 1953, p. 168
- PABST, Walter - La novela corta en la teoría y en la creación literaria, Madrid, 1967
- DEYERMOND, A.D. - The Female Narrator in Sentimental

- Fiction: "Menina e Moça" and "Clareo y Florisea", "Portuguese Studies", Londres, I, 1985, p. 47
- HOOK, David - "Nacéo e Amperidónia": A Sixteenth-Century Portuguese Romance, ibidem, p. 11
- CASTRO, Aníbal Pinto de - Uma edição crítica de "Menina e moça" de Bernardn Ribeiro: Problema e soluções, in "Critique Textuelle Portugaise", Paris, 1986, p. 163
- LOPEZ ESTRADA, Francisco - Los Libros de Pastores en la Literatura Española, Madrid, 1974, ( cap. VI, p. 323 ss.)
- BATAILLON, Marcel - Varia Lección de Clásicos Españoles, Madrid, 1964 (cap. V e VI)
- ASENSIO, Eugenio - Estudios Portugueses, Paris, 1974 (caps. sobre Bernardim Ribeiro e a "Menina e moça")
- CASTRO, A. Pinto de - Introdução a Peregrinação, de Fernão Mendes Pinto, Porto. Lello & Irmão, 1984
- SARAIVA, António Jasé - Fernão Mendes Pinto, 1ª ed., Lisboa, 1958
- SARAIVA, A. J. - Fernão Mendes Pinto ou a sátira pícaresca da ideologia senhorial, Lisboa, 1961
- MARGARIDO, Alfredo - La multiplicité des sens dans l'écriture de Fernão Mendes Pinto et quelques problèmes de la littérature de voyages au XVIIe siècle, "Arquivos do Centro Cultural Português", Paris, XI, 1977, o. 159
- REALI, Eriide Melillo - Uma "Peregrinação" inconclusa, "Quaderni Portoghesi", Pisa, 4, 1978, p. 101
- HART, Thomas R. - Style and Substance in the Peregrination, "Portuguese Studies", Londres, 2, 1986, p. 49
- Voyager à la Renaissance, Actes du Colloque de Tours 1983, sous la dir. de Jean Céard et J.-Cl. Margolin, Paris, 1987
- Voyage dans Les Delitas du Gange et de L'Irraouaddy. 1521, présenté et édité par Geneviève Bouchon et Luís Filipe Thomaz, Paris, 1988 (cap. I)
- GRAÇA, Luís - A visão do Oriente na literatura portuguesa de Viagens: os viajantes portugueses e os itinerários terrestres (1560-1670), Lisboa, IN/CM, 1983
- PINTO-CORREIA, J. David - Para uma nova leitura de "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto (o narrador autobiográfico: situação, estatuto e competência), "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa", Lisboa, série 101ª, n.º 7-12, 1983, p. 217
- PICCHIO, L. Stegagno - Fernão Mendes Pinto e a sua Peregrinação, ibidem, p. 229
- BROC, Numa - La géographie de la Renaissance (1420-1620), Paris, 1980
- PINTO-CORREIA, J. D. - Luz e Calor do Pe. Manuel Bernardes. Estrutura e discurso, Coimbra, 1978
- PIRES, Mª Lucília G. - Para uma leitura intertextual de

- "Exercícios Espirituais" do Pe. Manuel Bernardes, Lisboa, 1980  
LIMA, Eblon de - O Padre Manuel Bernardes. Sua vida, obra e doutrina espiritual, Lisboa-Rio de Janeiro, 1969  
BREMOND, Claude; LE GOFF, Jacques; SCHNITZ, J.-Cl. -  
"Exemplum", "Typologie des Sources du Moyen Age Occidental", fasc. 4=, Turhout, 1982

Docente: Prof.<sup>a</sup> Doutora M<sup>a</sup> do Nascimento Oliveira  
 Dr.<sup>a</sup> Maria Teresa Moita Praça

**A FICÇÃO ROMANESCA NOS SÉCULOS XVIII E XIX: ESTRUTURAS TEMÁTICAS E DISCURSIVAS**

- I. Vias do romance no séc. XVIII.
1. Perspectivas histórico-literárias do século XVIII.
2. O discurso do romance: modelos preferenciais.
- II. Orientações românticas.
  1. A nova sensibilidade romântica.
    - 1.1. O culto e a expressão do "eu".
      - 1.1.1. O "mal-du-siècle".
      - 1.1.2. O herói e o anti-herói.
      - 1.1.3. O idealismo e o sonho.
    2. Uma forma literária prestigiada: o romance histórico.
  - III. Do Romantismo ao Realismo:
    1. O "realismo crítico" na época romântica.
      - 1.1. Observação, inspiração, visionarismo.
        - 1.1.1. O "romance de formação": o herói à conquista da sociedade.
          - 1.1.2. Da realidade ao mito.
          - 1.2. A escrita do real.
            - 2.1. Entre a obsessão do documento e o culto do Belo.
              - 2.1.1. O fim do "romance de formação": o (anti-)herói e o mundo - um percurso de desistência.
              - 2.1.2. Da impassibilidade à ironia.
            - 2.2. A realidade da escrita.

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

- ABASTAOD, C. - Mythes et rituels de l'écriture, Bruxelles, Éditions Complexe, 1979
- AUERBACH, E. - Mimésis - La représentation de la réalité dans la littérature occidentale, Paris, Gallimard, 1968 (1946)
- BAKHTINE, M. - Esthétique et théorie du roman, Paris, Gallimard, 1978 (Moscou, 1975)
- BARTHES, R. - Le degré zéro de l'écriture suivi de Nouveaux essais critiques, Paris, Seuil, 1972 (1953)
- BÉGUIN, A. - L'âme romantique et le rêve, Paris, José Corti, 1979 (1939)
- COULET, H. - Le roman jusqu'à la Révolution, Paris, Armand Colin, 1967
- GIRARD, R. - Mensonge romantique et vérité romanesque,

- Paris, Grasset, 1961
- LUKACS, G. - Le roman historique, Paris, Payot, 1965
- PEYRE, H. - Qu'est-ce que le romantisme?, Paris, Presses Universitaires de France, 1971
- RAIMOND, M. - Le roman depuis la Révolution, Paris, Armand Colin, 1967
- ROUSSET, J. - Forme et signification, Paris, José Corti, 1962
- VAN TIEGHEM, P. - Le romantisme dans la littérature européenne, Paris, Albin Michel, 1969

NOTA: Bibliografia específica será indicada no decorrer do curso.

Docente: Dr.<sup>a</sup> Maria do Rosário Pontes

As outras literaturas de expressão francesa na Europa: na Bélgica e na Suíça, entre margens e errâncias, a diferença

1. As margens:

1.1. A especificidade económica, política e cultural dos dois países;

1.2. Entre tradição e modernidade, a originalidade literária (breve perspetivação das duas literaturas, desde os primórdios até aos tempos actuais);

2. As errâncias:

2.1. Na Bélgica:

2.1.1. A experiência dolorosa do exílio interior: o escritor, entre solidão e extraterritorialidade (de Charles de Coster a Edmond Picard, de Emile Verhaeren a Jacques Izoard);

2.1.2. A "torre de Babel": a criação literária contemporânea, entre metamorfoses de lucidez e questões de "belgitude" (de André Doms a Christian Hulin, de Claire Lejeune a Liliane Wouters, de Henri Michaux a Pierre Mertens);

2.2. Na Suíça:

2.2.2. Do fetichismo das imagens à nudez de um olhar (de Jean-Pierre Schlunegger a Corinne Bille, de Charles Albert Cingria a Jacques Chessex e a Jacques Mercanton);

3. A diferença:

3.1. Na Bélgica, Maurice Maeterlinck (1862-1949): La Vie des Abeilles; Serres Chatées e Marguerite Yourcenar (1903-1987): Mémoires d'Hadrien; L'oeuvre au noir; Archives du Nord; Nouvelles Orientales.  
A procura de uma dupla alquimia, a do Ser e a do Verbo;

3.2. Na Suíça, Gustave Roud (1897-1976): Écrits I-IV; Requiem; Campagne Perdue e Philippe Jaccottet (1925): Poésie (1946-67); Pensées sous les nuages; La semaine; Une transaction secrète.  
No inventário do Visível, a procura da transcendência e do sagrado.

BIBLIOGRAFIA

Littérature Belga

BURNIAUX, R. e FRICKX, R. - La Littérature Belge d'Expression Française, Paris, Coll. "que sais-je?", P.U.F., 1973.

DELSEMME, P.; MORTIER, R.; DETERMAN, J. (éd.) - Regards Sur Les Lettres Françaises de Belgique, Bruxelles, André de Raches, 1976.

JANS, A. (éd.) - Lettres Vivantes. Deux Générations d'Écrivains Français en Belgique (1945-1975), Bruxelles, La Renaissance du Livre, 1975.



OTTEN, M. (éd.) - Études de Littérature Française de Belgique,  
Bruxelles, Éd. Jacques Antoine, 1977  
Littérature Suisse  
GODET, Philippe - Histoire Littéraire de la Suisse  
Française, Paris, Fischbacher, 1894.  
GSTELGER, Manfred - La Nouvelle Littérature Romande, Vevey -  
Zurich, Bertil Galland - Ex Libris, 1978.  
ROSSEL, Virgile - Histoire Littéraire de la Suisse Romande des  
Origines à nos Jours, Neuchâtel, Zahn, 1904.  
VIATTE, Auguste - Suisse romande em "Littératures Connexes.  
Histoire des Littératures" 3, Paris, Gallimard, Encyclopédie de la  
Pléiade, 1958.

NOTA: Apenas são indicadas algumas obras de carácter geral.  
Os estudos particulares serão indicados posteriormente. Serão  
igualmente publicados alguns dossiers sobre os principais escritores.

Docente: Prof. Doutor Gonçalo Vilas-Boas

A literatura de expressão alemã entre 1850 até ao "Exílio"

1. A segunda metade do séc. XIX: o realismo burguês
2. Gottfried Keller:

Romeo und Julia auf dem Dorfe

3. O naturalismo: Gerhard Hauptmann, Arno Holz

4. A viragem do século - o esteticismo lírico:

Hugo von Hofmannsthal: Der Brief des Lord Chandos

Rainer Maris Rilke

5. Thomas Mann: Tristan

6. O expressionismo

7. Franz Kafka:

Die Verwandlung

Prosa curta

8. A prosa curta de Roebrt Walser

9. A "Nova Objectividade" e o "Exílio"

10. Bertolt Brecht: Das Leben des Galilei

Textos a analisar

Gottfried Keller - Romeo und Julia auf dem Dorfe, Reclam

6172

Thomas Mann - Tristan, Reclam 6431

Franz Kafka - Das Urteil und andere Erzählungen, Fischer TB

Robert Walser - Der Spaziergang, Diogenes (detebe 20065)

Bertolt Brecht - Das Leben des Galilei, suhrkamp es 1

Serão distribuídas fotocópias com extractos exemplificativos de obras dos diferentes períodos. A bibliografia secundária será fornecida durante o decorrer do ano.

Aconselha-se a leitura de Kurt Rothmann, Kleine Geschichte der deutschen Literatur, Reclam 9906

Docentes: Dr.º M.º Marques Chaves de Almeida

Prosa Narrativa de G. Keller a B. Brecht

0. Pressupostos metodológicos.

1. O realismo burguês.

1.1. Gottfried Keller: Romeo und Julia auf dem Dorfe e a novela do séc. XIX.

1.1.1. A tradição das "Dorfgeschichten".

1.1.2. O contexto sócio-histórico da novela.

1.1.3. Relações de intertextualidade com o drama de Shakespeare.

1.2. Theodor Fontane: Effi Briest e o romance de adultério europeu da segunda metade do séc. XIX.

1.2.1. A crítica da nobreza rural e do alto funcionalismo prussiano na era de Bismark.

1.2.2. O conceito de distância narrativa. A predominância do diálogo. Os solilóquios e as cartas. O encadeamento de imagens e motivos e o seu valor simbólico.

2. O naturalismo.

2.1. Arno Holz e Johannes Schlaf.

2.2. Gerhart Hauptmann.

3. O esteticismo.

3.1. H. von HOFMANNSTHAL: Ein Brief.

3.1.1. A desagregação da realidade.

3.1.2. A crise de identidade e de linguagem.

4. THOMAS MANN.

4.1. Tristan e a crítica ao esteticismo do "fin-de-siècle".

4.1.1. A relação intertextual com o Tristan und Isolde de

Wagner.

4.1.2. A antinomia arte/existência burguesa.

4.1.3. Relato triplo e significado nuclear da cena da fonte.

5. O expressionismo.

6. FRANZ KAFKA.

6.1. Das Urteil e o conflito pai/filho.

6.1.1. O seu lugar-chave na vida e produção literária do

autor.

6.1.2. Afinidades estruturais com o drama.

6.1.3. A estrutura apelativa do texto.

7. ROBERT WALSER.

8. BERTOLT BRECHT: Der Augsburgere Kreidekreis e a tradição literária das histórias de almanaque.

8.1. A nova perspectiva brechtiana e a figura da mãe como figura-chave.

8.2. Relações intertextuais com o drama Der kaukasische

Kreidekreis.

TEXTOS

- BRECHT, Bertolt - Der Augsburger Kreidekreis, in: B.B., Kalendergeschichten, Reinbek bei Hamburg, Rowolt.rororo 77, 1986, pp. 5-18
- FONTAINE, Theodor - Effi Briest, Stuttgart, Reclam, UB 6961 (3), 1983
- HOFMANNSTHAL, Hugo V. - Ein Brief, in: Hans-Ulrich Lindken (ed.), H. von Hofmannsthal, "Ein Brief", "Reitergeschichte" mit Materialien, Stuttgart, Klett, 1984
- KAFKA, Franz - Das Urteil e Die Verwandlung, in: F.K., Das Urteil und andere Erzählungen, Frankfurt/Main. Fischer TB 19, 1983, pp. 7-18 e 19-73
- KELLER, Gottfried - Romeo und Julia auf dem Dorfe, Stuttgart, Reclam, UB 6172, 197
- MANN, Thomas - Iran, Stuttgart, Reclam, UB 6431, 1982

BIBLIOGRAFIE CRITICA

- a) Gottfried Keller:  
JAUGEY, Gesine - Stundenblutter "Kleider machen Leutz/ Augenichts, Stuttgart, Klett, 1979
- HEIN, Jurgen (ed.) - Erläuterungen und Dokumente. G. Keller, "Romeo und Julia auf dem Dorfe", Stuttgart, Reclam, UB 8114, 1971
- b) Theodor Fontane:  
GOLTSCHWIGG, Dietmar - "Vorindustrieller Realismus und Literatur der Grunderzeit", in Viktor Zmegac (ed.), Geschichte der deutschen Literatur vom 18. Jahrhundert bis zu Gegenwart, Band II/1, Königstein/Ts, Athenaum, 1980, pp. 100-108
- HAMANN, Elsbeth - Theodor Fontane. "Effi Briest": Interpretation, München Oldenbourg, 1981
- RAINER, Ulrike - "Effi Briest" und das Motiv des Chinesen: Rolle und Darstellung in Fontanes Roman, in "Zeitschrift für Deutsche Philologie", Berlin, Bielefeld, München, Band 101, Heft 4, 1982, pp. 545-561
- SCHAFARSHIK, Walter (ed.) - Erläuterungen und Dokumente. Theodor Fontane Effi Briest, Stuttgart, Reclam (UB 8119), 1982
- UTZ, Peter - "Effi Briest" der Chinesen und der Imperialismus: eine "Geschichte" im geschichtlichen Kontext, in "Zeitschrift für Deutsche Philologie", Berlin, Bielefeld, München, Band 103, Heft 2, 1984, pp. 212-225
- c) Gerhart Hauptmann:  
BORCHMEYER, Dieter - "Der Naturalismus und seine Ausläufer", in Viktor Zmegac (ed.), Geschichte der deutschen Literatur vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart, Band II/1, Königstein/Ts, Athenaum,